

LÍNGUA E IMAGINÁRIO: UMA QUESTÃO DE COMUNICAÇÃO

LANGUAGE AND IMAGINARY: A MATTER OF COMMUNICATION

Juremir Machado da Silva *

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL /PUCRS
juremir@pucrs.br

Resumo:

Sabe-se que uma língua produz imaginário e depende de imaginários. Uma língua tem uma história, uma trajetória, um “trajeto antropológico”, caso se possa usar um conceito de Gilbert Durand. A língua é sempre uma construção. Ela nos procede, mas podemos ajudar a transformá-la. Pode-se dizer, de certo modo, que a língua só se exprime no imaginário. O que faz a especificidade de uma língua? O que a língua quer dizer com sua diferença? O que significa abdicar de uma língua materna, por exemplo, no espaço da ciência em nome de uma língua franca? Pode-se realmente estabelecer por acordo regras de uso de uma língua consolidada e vivida como realidade?

Palavras-chave: cultura; ideologia; ciência; imaginário

Abstract:

It is known that a language depends and produces imaginary. A language has a history, an ‘anthropological path’, if we can use a concept by Gilbert Durand.

* Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V, escritor, historiador, jornalista, radialista e tradutor, é pesquisador 1B do CNPq, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS e autor, entre outros livros, de *A miséria do jornalismo brasileiro* (Petrópolis: Vozes, 2000), *As Tecnologias do imaginário* (Porto Alegre: Sulina, 2003), *O que pesquisar quer dizer* (Porto Alegre: Sulina, 2010), *História regional da infâmia – O destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras, ou como se produzem os imaginários* (Porto Alegre: L&PM, 2010), *Vozes da legalidade: política e imaginário na era do rádio* (Porto Alegre: Sulina, 2011), *Um escritor no fim do mundo: viagem com Michel Houellebecq à Patagônia* (Rio de Janeiro: Record, 2011) e dos romances *Getúlio* (Rio de Janeiro: Record, 2004), *Solo* (Rio de Janeiro: Record, 2008), *1930: águas da revolução* (Rio de Janeiro: Record, 2010) e *A sociedade Midioere – passagem ao hiperespetacular – o fim do direito autoral, do livro e da escrita* (Porto Alegre: Sulina, 2012). Último livro: *Jango, a vida e a morte no exílio* (como foram construídos, com ajuda da mídia, o imaginário favorável ao golpe e as narrativas sobre as suspeitas de assassinato do presidente deposto em 1964). (Porto Alegre: L&PM, 2013).

Language is always a construction. It proceeds us, but we can help to transform it. We can say, somehow, that language is expressed only in the imagination. What makes the specificity of a language? What does language mean with its difference? What does it mean, for instance, to give up on your mother language in the space of science in the name of a lingua franca? Can we really agree on rules for the use of an established language experienced as a reality?

Keywords: culture; ideology; science; imaginary.



1. Mitologia e ideologia¹

Há uma mitologia da língua franca. A língua da ciência seria o inglês. Funcionaria como um esperanto da ciência. Em nome do entendimento universal entre os cientistas, cada nação deveria abrir mão da sua língua em revistas acadêmicas e até, cada vez mais, em salas de aula. O ideal para os defensores dessa língua franca do entendimento científico é a prática permanente do inglês. Quanto mais, melhor. Assim, por que não ter aulas no Brasil diretamente em inglês? Por que não publicar textos científicos, mesmo em revistas brasileiras, diretamente em inglês? Uma perspectiva conciliadora propõe as edições bilíngues. A perspectiva radical defende o inglês puro e simples. Afinal, se o inglês é a língua da ciência, unindo todos os operadores do campo científico, sendo pré-requisito para a entrada nessa esfera, para que preservar ou utilizar as línguas nacionais que isolam?

Em tempos de políticas de internacionalização da pós-graduação, a ideologia do “inglês total” apresenta-se com uma garantia de modernidade e de acesso universal ao conhecimento. Uma revista brasileira, que só tinha edição impressa, pouco antes da explosão do virtual como suporte dominante para publicações universitárias, chegou ao cúmulo de sair inteiramente em inglês. Quem a lia? Brasileiros. Ou algum estrangeiro de passagem pelo Brasil. A distribuição de revistas acadêmicas impressas sempre foi um problema. Muitas, depois de saídas da gráfica, amarelavam em armários, servindo apenas para engordar os currículos dos autores dos seus artigos.

1 Este assunto foi abordado também em “Le mythe de langue franche dans le sciences: une idéologie objectivée”. Paris, revista *Hermès*, CNRS: 2012, n° 65, p. 209-214.

Este artigo quer ser justamente um artigo – autoral, especulativo, argumentativo, marcado pelo olhar particular de quem o escreve, sem legitimação por outros autores, salvo como inspiração formadora, sem “marcas de gênero”, como a citação, com certa liberdade reflexiva e ensaística – para explorar questões em tese a partir de imaginários que cada um percebe, embora nem sempre possa prender numa gaiola conceitual. Importa aqui menos a prova definitiva do que o levantamento de problemas inquietantes, mas voláteis, que estão, como se costuma dizer, no ar do tempo, na atmosfera atual, nas ondas.

Na atmosfera global, ciência rima com inglês, assim como publicidade faz eco ao idioma dominante. Ser moderno é falar inglês. O inglês é “in”. As demais línguas nacionais são “out”. Essa mitologia esconde, como faz parte da natureza mitológica, a sua faceta ideológica. Apresenta-se naturalmente como uma opção de bom senso, irrefutável, útil, racional, compartilhada por todos que buscam um terreno comum, uma língua comum, intercâmbio, comunhão, superação de obstáculos, interface, cruzamento, troca, exposição, composição e uma esfera internacional.

Como se opor a algo tão racional, moderno e útil? Como não se apresentar como antigo diante dessa nova realidade? Com que argumentos defender uma língua nacional? Como escapar da pecha de xenofóbico, nacionalista ultrapassado ou patriota anacrônico ao sustentar que a defesa da língua nacional também é uma obrigação dos cientistas pois é nela que cada um pensa no mais alto grau de desempenho de raciocínio? Como aceitar que numa sala de aula com 28 alunos de um país de língua não inglesa e dois estudantes anglófonos o curso seja dado em inglês? Como enfrentar a ideologia do inglês como língua franca da ciência, da modernidade, dos negócios, do progresso, da diplomacia e do conhecimento?

2. O valor das línguas nacionais

Num passado não muito distante pensava-se, em certo imaginário etéreo, que o alemão era a língua da filosofia. A França, que hoje se bate pela francofonia, não via nada de mal na dominação do francês como língua franca. Os americanos, de modo geral, não se incomodam em ser monoglotas na medida em que o inglês como língua franca garante-lhes comunicabilidade por toda parte. Por que não romper de uma vez por

todas com as línguas nacionais? Por que não adotar definitivamente o inglês como língua oficial de todos os países? O universal na era da globalização: o inglês como língua franca, o dólar como moeda única, a indústria cultural como padrão.

Há algo em cada língua que não pode ser abandonado? Por que mesmo defender a variedade linguística? Costuma-se usar como argumento a importância da diversidade, a riqueza do patrimônio linguístico variado. O fato de existirem muitas línguas seria uma riqueza à disposição da humanidade. O que é mais precioso: uma língua comum ou a diversidade linguística apesar da separação que produz? O que há de irredutível numa língua? Um primeiro argumento seria que os indivíduos, de fato, só conseguem chegar a altos graus de desempenho em suas línguas maternas. Neste caso, não seria melhor, na linha de raciocínio dos defensores de uma língua franca, tornar o inglês língua materna de todo mundo? Noutra perspectiva, cada língua teria graus de expressividade diferentes. Certas coisas só seriam ditas com perfeição em determinadas línguas.

Tudo isso faz parte dos imaginários sobre as línguas. Todas elas são igualmente expressivas. A variedade dos pássaros encanta por existirem muitas espécies. Bastaria uma? Hipótese radical: e se a riqueza do patrimônio linguístico estiver justamente nessa variedade, a ser preservada, inclusive pela ciência, e não no poder específico de expressão de cada língua? E se o valor das línguas nacionais estiver justamente no fato de que elas representam nações – uma ou muitas – com direito a expressarem-se em todos os campos sem precisar se renegar? E se a aceitação de uma língua franca, o inglês ou qualquer outra, significar simplesmente a aceitação da hegemonia da potência econômica de uma época sobre as demais? E se for essa a grande perda, a perda da diferença, da autonomia, da identidade, da singularidade?

E se o exercício da tradução, com suas imprecisões, erros, sua lentidão, seus custos, for a única e bizarra forma de evitar a extinção de algo simbolicamente essencial, a unicidade (não apenas a unidade) das culturas? E se a diversidade for a proteção, através da Babel das línguas, da especificidade? As línguas têm resistido ao colonialismo, ao imperialismo, às ocupações, às guerras, aos missionários, ao cinema de Hollywood, à indústria fonográfica e, mais recentemente, à uniformização da internet com seus credos no idioma básico, o inglês. Resistirão à ideologia da ciên-

cia? Muitos conceitos, no campo científico, não passam de más traduções. Depois de consagrados, nada mais há a fazer.

Cabe resistir a essa nova utopia da língua franca?

3. A modernidade do inglês

As palavras representam situações culturais, encarnaram os imaginários de uma época, renovam-se para dizer o mesmo, para designar o velho como novo. A Escola Superior de Propaganda e Marketing, de Porto Alegre, tem como seu slogan: “Transforme seu negócio em business.” Literalmente: transforme seu negócio em negócio. Significa que o rótulo “negócio” perdeu a sua força.

Semana da “moda” passou a ser “fashion week”.

Todo signo depende do seu contexto cultural, tirando sua importância daquilo que “funciona” em certo momento.

A informática, com a era dos computadores, popularizou um dispositivo em inglês: *mouse*. Quem vê um mouse de computador vê o quê? Quem fala inglês vê um camundongo. Os franceses veem *souris* (ratinho). Os espanhóis veem um “*ratón*”. Os portugueses veem um rato.

E os brasileiros? Por que para os brasileiros rato não é rato quando é mouse? Tem rabo de rato, jeito de rato, desenho de rato, cara de rato, mas não é rato. É mouse. Há certamente quem considere mouse, no sentido da informática, intraduzível. Ratinho não comportaria toda a carga semântica de mouse. É uma ilusão feita de culto à modernidade e de ideologia utilitária cientificista.

Muitas são as possibilidades de acesso ao conhecimento. A ciência, obviamente, trabalha com uma via racional e argumentativa. Às vezes, porém, deveria ser possível recorrer à crônica como processo de descobrimento (descobrir é destapar, desocultar, revelar, fazer emergir, dar à luz, achar, desvelar, tirar o véu). Revela-se aquilo que está diante dos olhos e não se vê.

A crônica que segue, intitulada “(pa)trolar”, publicada no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 11 de agosto de 2013, foi concebida a partir da reflexão para este artigo. Explora o fascínio exercido pelo inglês. Joga com palavras que exprimem o velho novo.

A informática e a internet trouxeram novos termos. Alguns, como deletar, inúteis. Deletar apaga tanto quanto apagar deletava. Entre todos os países da ONU, excetuando-se os de língua inglesa, diz-se que o Brasil é o único a não chamar ratinho de ratinho, mas de mouse.

– Mouse não é ratinho mesmo?

– É o quê?

– Camundongo?

– E camundongo é o quê?

– Um ratinho que não é bem ratinho.

– É o que então?

– Mouse.

– Os portugueses chamam mouse de ratinho.

– Português não conta. Eles são muito literais.

– Os franceses chamam mouse de souris.

– Francês não conta. Chamam celular de telefone portátil.

– Que tem de mal nisso?

– É ridículo.

– Por quê?

– É antiquado. Rato é rato. Mouse é periférico.

– Mas tem rabo de rato, jeito de rato, tudo de rato...

– Mas não é rato. É mouse.

Há termos mais interessantes. Mas nem tão originais assim. Um que me chama atenção é verbo “trolar” ou “trollar”. Com dois eles fica mais original. Mais perto da origem. Com um só ele fica mais perto das nossas origens: patrolar. Quem “trola”, patola. Os jogos de palavras costumam descobrir (destapar) coisas que nem sempre vemos. Patrolar em francês pode ser ouvido como não “trolar”. Como sabem meus francófilos leitores, “pas” (não se pronuncia o esse), em francês, é uma negação.

– Tem que patrolar – diz o brasileiro.

– Tudo bem, não vou trolar o cara – responde o francês.

O patrolador ou “trolador” é o ‘mala’ da era das redes sociais, o chato da internet. Como me disse um seguidor no twitter, citando Napoleão, o “trolador” é um “ignorante com iniciativa”. Segue o monstro dos olhos turvos, o demônio dos olhos opacos: o senso comum.

– Vou dar no meio desse cara – diz o trolador.

– O que ele fez?

- Disse a.
 - Que tem de mal nisso?
 - Eu penso b.
- O trolador é persistente. Se precisar, adota dezenas de ‘fakes’ para “dar no meio” do objeto da sua obsessão.
- Vou dar no meio desse cara.
 - De novo?
 - Ele disse b.
 - Não é o que você pensa?
 - Mudei. Agora penso a.
 - Ele publica o que você diz?
 - Nunca.
 - Por que você continua a postar?
 - Para provar que ele me censura.
 - E que mais?
 - Para dar no meio dele.

A diversidade linguística, remetida às origens da humanidade, torna-se um vestígio arqueológico. No presente perpétuo da pós ou da hipermodernidade, o inglês não aceita réplica, não suporta contraditório, gera um novo paradoxo: língua franca da ciência o inglês apresenta-se como uma verdade incontestável, uma verdade absoluta, uma verdade não científica, um artigo de fé.

Uma única citação se impõe por identificação. Guy Debord, em sua tese número 12, disse: “O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de o que aparece é bom, o que é bom aparece.” O inglês domina a ciência porque é útil e bom. Porque domina, é útil e bom. O resto é falso.

E se fosse possível fazer ciência em todas as línguas, mesmo nas menos faladas? E se fosse possível trazer para as ciências humanas, ainda que marginalmente, outras formas de acesso ao conhecimento, em nome da diferença, ou seja, da singularidade, da universalidade do particular e das particularidades do universal?

Se nada disso fizer sentido, resta uma virada de jogo: este artigo como manifesto, como lamento, grito.

Um manifesto em defesa da diversidade linguística nas ciências. As línguas marginais tratadas como a ararinha azul, todas merecendo ser salvas da extinção.

As línguas são normativas. Trata-se de uma normatividade aberta. Cada usuário ajuda a produzir novas formas, inventando palavras ou alterando regras gramaticais. Toda normatização de cima para baixo esbarra nessa estrutura polissêmica. As ruas costumam ignorar os decretos das autoridades da língua. Mas uma língua é sempre um sistema de hierarquia social. Julga-se o outro pela forma através da qual deforma a dita língua culta.

Somente o usuário comum poderá, quem sabe, salvar a diversidade linguística do poder uniformizador dos acordos ortográficos e da necessidade científica de uma língua franca. Nada conseguirá eliminar a criatividade das ruas ou “deletar” a diversidade semântica, algo que um brasileiro pode comprovar sempre que viaja a Portugal pela TAP. O comandante avisa: “Atenção para a aterragem.”

Aterrar, para um brasileiro, é colocar terra em cima. Felizmente para os portugueses é apenas aterrissar. O descompasso também acontece na partida: “Atenção para a descolagem.” O brasileiro teme uma ruptura, um fracionamento da aeronave. Trata-se somente da decolagem. Essa diversidade tão conhecida sempre provoca vertigens, produz um efeito de deslocamento, descolamento. Sem ela, cada viagem seria uma triste forma de permanecer em casa.

A língua, sem duplo sentido, obscenidade ou pornografia, como o sexo lacaniano, só existe no imaginário, o qual se exprime, mesmo em imagens, como uma língua singular e complexa: fricciona, une, divide, apaixona, fascina, hierarquiza. Será a ciência um modo perverso de extinguir essa rugosidade irreduzível ao uno?

Nunca a diversidade linguística esteve tão a perigo. Nunca esteve tão próxima do fim. Nunca esteve tão exposta, fragilizada, confrontada, desprezada. Ela enfrenta agora a ameaça mais poderosa, a mais legitimada, mais arrogante, mais autossuficiente, mais uniformizadora, mais imperialista e cruel: a ciência.

O que fazer? Render-se? Combater?

Expor-se ao ridículo globalizado numa nova querela de antigos (modernos) contra modernos (hipermodernos)?

Dobrar-se ao imperativo da internacionalização?
 Ou as línguas nacionais ou até mesmo sem nação podem declarar-se
 soberanas, altivas, irreduzíveis, nobres:
 “Yes, we can!”

Referências

- BACHELARD, G. (1988). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERGER, P. & Luckmann, T. (2006). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- BORGES, J. L. (1974). *Obras completas*. Buenos Aires: Emecê.
- DEBORD, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- CASTORIADIS, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DE FLEUR, M. L. (1971). *Teorias de Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DERRIDA, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus.
- DERRIDA, J. (1979). *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- DURAND, G. (2001). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURAND, G. (1996). *Campos do Imaginário*. Lisboa: Piaget.
- ECO, U. (1985). *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FEYERABEND, P. (1977). *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- HEIDEGGER, M. (2002). *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes.
- LEGROS, P. et al (org.) (2007). *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- LYOTARD, J.-F. (1986). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MAFFESOLI, M. (2008). *O conhecimento comum*. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, E. (1999). *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, E. (1989). *Estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SILVA, J. M. da (2003) *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.